

M.10

P.2

1 B

CALDEME

%%
%%
%%

ESBÔÇO DE UM MANUAL DIDÁTICO

DA

LÍNGUA

LATINA

%%
%%
%%

ESBÔÇO DE UM MANUAL DIDÁTICO DA
LINGUA LATINA

Minha experiência didática do latim trouxe-me a convicção de que o instrumento primordial do ensino dessa língua é o texto. Nada pode substituí-lo. É lendo atentamente o texto, analisando-o detidamente, comentando-o e interpretando-o que se consegue aprender, como cumpre, a morfologia, a sintaxe e o vocabulário da bela e fecunda língua de VIRGILIO. Varios tratadistas modernos, em França, chegam ao extremo de condenar in limine o uso da gramática e do dicionário. É claro que no particular se impõem restrições. Todavia passam-se os anos, multiplicam-se as experiências didáticas, renovam-se métodos e processos de ensino, mas a grande verdade que se encerra nas palavras de Darmesteter perdura: - "É preciso aprender a gramática através da língua e não a língua pela gramática".

Em importante trabalho sôbre a necessidade de renovar-se a metodologia do ensino do latim, o prof. PIERRE DE BOURGUET observa mui judiciosamente que a gramática deve ser objeto de verificação das lições fornecidas pela leitura e análise dos textos latinos, escolhidos, é certo, com tato e visão clarividente, de molde a servirem ao aprendizado dos jovens, segundo sua idade, seu desenvolvimento intelectual e seu grau de preparo. Não é outro o

pensamento do nosso grande RUI, quando, referindo-se à nossa língua, preceitua a leitura dos textos como a grande lição, o grande instrumento de aquisição da linguagem correta e apropriada. Era o grande mestre que queria os moços lendo copiosamente os livros e depois verificando na gramática o que neles tivessem aprendido.

É mister insistir nesse ponto de vista, que não é somente nosso, repetimo-lo, mas que dia a dia se impõe como uma norma no ensino de uma língua tida geralmente como difícil de aprender.

Mas que textos devemos apresentar aos alunos ? Como ensinar com auxilio dos mesmos ? Em que medida devemos prescindir da gramatica ? Por outras palavras, o que e como devemos ministrar a gramatica, antes que os alunos mais novos possam utilizar os textos como ~~meio~~^{meio} de aprendizagem.

Com a evolução das ideias relativas aos métodos e processos de ensino do latim, ideias que todas convergem para uma verdade incontestada, que a gramatica, ao menos a gramatica completa, considerada antes como um fim do que como meio, não deve antepor-se à língua, mas, pelo menos, deve acompanhá-la, construindo-se, por assim dizer, à custa do material morfológico e sintático que o discente vai colhendo à medida que lê e analisa os textos, grande numero de mestres e tratadistas preconizam o uso do método ativo, ou seja do método direto no ensino do latim, à semelhan

ça do que se faz com as línguas vivas.

Nesse sentido julgou-se que seria de grande eficiência a adoção de manuais de ensino do latim, ricos de gravuras, muitas vezes primorosamente executadas, a que se juntam pequenos trechos para versão e tema, acompanhados de vocabulário.

Na França, nos Estados Unidos, entre nós, multiplicam-se os livros escolares desse tipo, escritos sobretudo para meninos de pouca idade, de conformidade com a seriação do latim nos currículos de humanidades. Dois aspectos negativos apresenta semelhante sistema de ensino, isto é, o ensino ativo ou direto. Primeiro é que se acredita deve a língua em aprêço, ser ministrada a partir da 1ª série do 1º ciclo, isto entre nós, o que corresponde em França à classe dita "sixième", ou seja a jovens alunos de 11 anos, em média. Segundo, é que não são textos autênticos os que nesses livros se apresentam.

Não é evidentemente aqui o lugar de fazer-se uma crítica profunda e inevitavelmente demorada de semelhante método de ensino. Cumpre, todavia, assinalar a ineficácia do mesmo, aqui como alhures. Em França registramos grandes mestres, como M. Grandjonan, M. Mondesert, M. Marouzeau, Charles Rosset, Henri Nicolas. O Prof. Rasset chega mesmo a declarar que há em seu país uma crise e crise grave do la-

tim. Também nesse país se começa a condenar o emprego do método em apreço, que ditos mestres revelam ter sido uma decepção. Nossa experiência conduziu-nos à mesma verificação. E não é possível que semelhante fracasso no ensino do latim tenha lugar somente na Bahia, onde, em Salvador, vimos realizando nossa experiência didática. Por certo a crise de França é também do Brasil. Ali o ensino do latim é ministrado em seis anos, com períodos letivos mais longos que os nossos, e com quatro ^{aulas} ~~seis~~ semanais. Não obstante um sém número de candidatos ao bacharelado, isto é, de jovens que se destinam ao magistério, têm-se revelado incapazes de entender trechos relativamente fáceis de Cícero, de Tacito ou de Tito Livio.

Entre nós, pelo menos em nosso estado, os alunos que concluem o curso clássico, ou seja, rapazes ou moças com sete anos de latim, são incapazes de entender ou mesmo de traduzir literalmente os trechos mais fáceis de Cícero, de Ovidio, de Virgilio, ou mesmo de Cesar.

Não exageramos. Com raríssimas exceções, de alunos com um decidido pendor para o latim, dotados dum grande amor ao estudo e desenvolvendo um esforço sobrehumano, os candidatos aos exames vestibulares, numa media de 70% dos egressos dos cursos clássicos de vários estabelecimentos, têm vindo aprender nos meus cursos, no máximo em seis mezes, como traduzir o latim.

Daí concluímos que não é possível continuar-se a administrar o ensino do latim a partir da 1ª série. Resulta em pura perda, como a experiência o tem demonstrado, o ensino a meninos, que mal sabem os primeiros rudimentos de análise ^{do} vernáculo. Eles fazem as pequenas traduções d'esses livros de vistosas ilustrações sem a menor reflexão e, conseqüentemente, sem a devida análise da frase, que os conduziria às primeiras aquisições da sintaxe elementar indispensável à compreensão dos textos que se lhes apresentarão nos anos subsequentes. Voltemos atrás. Começemos a ensinar o latim a partir da terceira série, como em tempo não muito remoto se fazia entre nós. O autor destas linhas alcançou êsse bom tempo. Fez o curso em três anos, da terceira à quinta série. Como a maioria dos meus colegas, podíamos iniciar o curso de latim em condições de analisar a frase com segurança. Tomemos a lição de Portugal, tão carente do Latim como nós outros. Sigamos o bom caminho que nos indica a pedagogia lusa. Alí o liceu inclui em seu currículo o ensino do latim nas três últimas séries, iniciando o curso por Fedro, passando depois a Cezar e daí a Cícero e a Virgílio, para falar somente nesses quatro autores.

O plano de bases e diretrizes do ensino no Brasil prevê uma grande modificação do nosso currículo de humanidades, acabando com o chamado curso complementar, reduzindo o curso a seis anos e criando o collegio universitário.

Ansiamos por essa reforma em nossa organização do ensino médio, convencido de que ela virá corrigir muitos defeitos do sistema atual. No particular da língua latina esperamos que outro critério será adotado em sua seriação. Sobretudo no que diz respeito à idade em que deverá iniciar-se seu estudo.

O manual que desejamos e contamos poder escrever, segundo o determina a direção da Companhia do Livro Didático, destina-se sobretudo aos professores de latim que não fizeram curso de especialização nas faculdades de filosofia.

Insistindo em nosso ponto de vista de que são os textos o grande manancial destinado a fornecer os ensinamentos necessários ao aprendizado da referida disciplina, propomo-nos a fazer um trabalho em dois tomos, destinado ao ensino em quatro anos, da terceira à sexta série, na esperança de vermos concretizado o grande ideal da reestruturação do ensino nacional, que tanto almejamos do nosso Congresso.

O manual será uma antologia de textos latinos, selecionados entre os que melhor se adaptem às possibilidades dos discentes, convenientemente graduados, de modo a corresponder ao grau de desenvolvimento intelectual dos jovens a que se destinam.

O primeiro tomo destinar-se-á a alunos dos dois

primeiros anos, contendo entre outros, textos de Fedro, De Cesar, Cicero e Ovidio.

No segundo selecionaremos textos de Cicero, Virgilio, Horácio, Tacito e Tito Livio.

Os textos serão acompanhados de abundantes notas explicativas, preparadas com muito cuidado, e destinadas a conduzir os alunos a fazerem por si mesmo as versões para o vernáculo. É claro que a princípio serão guiados pelo professor, que nesse sentido orientará com muito tato suas lições, de modo a não tirar a iniciativa dos educandos, fazendo-os ao contrario participar ativamente do trabalho de interpretação dos textos.

Visando ao objetivo que se propõe a Campanha, os textos destinados às primeiras lições serão precedidos de uma indicação de processos didáticos que deverão ser utilizados pelos professores incipientes, de molde a facilitar-lhe o ensino e torná-lo eficaz no sentido de fazer os alunos tirarem o máximo proveito da leitura dos mesmos.

Afim de possibilitar aos alunos a utilização dos textos propostos, quando ainda não se tenham iniciado no estudo da lingua ou seja no primeiro ano, mister se faz, como uma preparação inicial, dar-se uma breve sintese da morfologia latina, "o quantum satis" para que eles possam começar a leitura dos textos, em condições de analisa-los e entendê-los.

Esta síntese da morfologia será acompanhada dos primeiros rudimentos de sintaxe, os indispensáveis à iniciação do aprendizado através dos textos ! É mister não perder de vista que não nos propomos, no breve estudo da morfologia e nos rudimentos de sintaxe que faremos acompanhar o primeiro tomo, senão a "redigir uma gramática em vista apenas da leitura do texto". Assim o preconizam vários tratadistas modernos. A gramática que se deve ensinar aos que dão os primeiros passos no estudo da língua não será jamais uma gramática completa, uma gramática que se constitua antes um fim do que um meio, um instrumento para conduzir a um fim. Porque a gramática só será sabida quando aprendida à vista dos textos. É somente a leitura acurada destes, acompanhada sempre de uma análise cuidadosa, diríamos mesmo, profunda da frase, que conduzirá mestres e alunos à aquisição da língua. Como temos longamente verificado em nossos cursos, os moços chegam, de modo surpreendente, da análise dos fatos particulares da linguagem, aprendidos através da leitura e compreensão dos textos, às generalizações que constituem as leis gramaticais. É o método analítico-sintético tão fecundo em resultados na metodologia das línguas, quer modernas quer antigas.

Tenho obtido excelente resultado dando aos meus alunos êsses conhecimentos de uma gramática simplificada,

em que se ministram tão somente as noções de morfologia indispensáveis à iniciação dos discentes na leitura dos textos. Procuramos fazê-lo de uma maneira racional de modo a poupar aos estudantes um trabalho exaustivo da memória, que tanto os leva a um constrangimento no estudo das declinações, tornando para a grande maioria o estudo do latim uma tarefa desagradável, que lhes dá uma verdadeira aversão pela disciplina.

Por um processo que é possível ter alguns similares, mas que não copiei de ninguém, consigo, por exemplo, pôr os alunos em condições de fazer, em poucos dias, um controle absoluto da flexão de caso em todos os tipos de declinação dos nomes. Esse controle é bastante para que em menos de um mês o estudante esteja em condições de analisar a oração, com presteza e segurança.

Nosso estudo da declinação latina, que nunca é feito a partir dos clássicos paradigmas, dados para decorar por assim dizer maquinalmente, funda-se no pressuposto de decorrerem as cinco declinações de um tronco único, uma única declinação formada nos primórdios da língua. Daí assinalarmos a existência de leis tendenciais, digamos mesmo, de leis gerais para a formação dos casos.

Se, mau grado a existencia dessas leis gerais da declinação, é por vezes sensível a diversidade das desinências para um mesmo caso; nas cinco declinações, isto se de-

ve às grandes leis da fonética: a eufonia, a lei do menor esforço e a analogia. Procedendo a um exame detido dos temas nominais, através de numerosos exemplos, tirados de preferência dos textos que, de início, serão apresentados à análise dos alunos, mostro como é fácil formar espontaneamente um mesmo caso nas cinco declinações, pela simples aplicação da lei correspondente. Assim por exemplo, os alunos formam o acusativo do plural em qualquer declinação, nos nomes não neutros, acrescentando um **S** ao tema respectivo. Ora os temas nominais terminam em vogal em todas as declinações, com excepção da terceira. As vogais terminais desses temas são, **A, O, U, E**, na ordem das declinações, 1ª, 2ª, 4ª e 5ª. O acusativo do plural terminará então nessas declinações, respectivamente em ^{as,} os, us, es ! Na ~~3ª~~ ^{3ª declinação} ~~declinação~~ intercala-se a vogal e, entre a consoante terminal do tema e o s final. Pondo à parte o genitivo do singular, por ser o caso característico, e que de início é aprendido através da simples enunciação dos nomes, apenas dois casos, o dativo do singular e o nominativo do plural, não se enquadram nas referidas leis gerais.

* * *

Prof. António Siqueira.

Salvador, 7 de Setembro de 1953.

M.10

P.2

1

CALDEME